

VI Prêmio  
**Diário**  
contem  
de Fotografia  
**porâneo**

OFICINAS  
PALESTRAS

AÇÃO  
EDUCATIVA

ENCONTROS  
COM ARTISTAS



Elaine Pessoa · *Tempo Arenoso*

# Tempo Movimento

MOSTRA DOS PREMIADOS  
E SELECIONADOS

MOSTRA ESPECIAL

ARTISTA CONVIDADA  
JORANE CASTRO

## FICHA TÉCNICA

**JORNAL DIÁRIO DO PARÁ –  
REDE BRASIL AMAZÔNIA  
DE COMUNICAÇÃO**

*Jader Barbalho Filho*  
DIRETOR PRESIDENTE DO  
DIÁRIO DO PARÁ

*Camilo Centeno*  
DIRETOR GERAL DA RBA

*Francisco Melo*  
DIRETOR FINANCEIRO

### RBA – Marketing

*Daniella Barion*  
GERENTE DE MARKETING

*Marcelle Maruska*  
ANALISTA DE MARKETING

### RBA – Desenvolvimento

*Luis Folha*  
GERENTE DE DESENVOLVIMENTO

*Oscar Alencar*  
SUPERVISOR DE DESENVOLVIMENTO

### PROJETO PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

*Mariano Klautau Filho*  
CURADOR E COORDENADOR GERAL

*Lana Machado*  
COORDENADORA DE PRODUÇÃO

*Irene Almeida*  
CURADORA ASSISTENTE

*Luis Laguna*  
PRODUTOR

*Vitória Gantuss*  
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

*Andrea Kellermann*  
DESIGNER GRÁFICO

*Luana Machado*  
COORDENADORA DA  
AÇÃO EDUCATIVA

*Deborah Cabral*  
ASSESSORA DE IMPRENSA

### ESPAÇO CULTURAL CASA DAS ONZE JANELAS

*Armando Queiroz*  
DIRETOR

*Mariana Sampaio*  
DIRETORA DO SISTEMA  
INTEGRADO DE MUSEU E  
MEMÓRIAS - SIM/SECULT

*Márcia Pontes*  
COORDENADORA DA  
AÇÃO EDUCATIVA

### MUSEU DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

*Jussara Derenji*  
DIRETORA

*Sthefane Sagica*  
COORDENADOR DA  
AÇÃO EDUCATIVA

# Tempo Movimento

O corte no tempo e no espaço efetuado pelo ato fotográfico iniciou uma era de profundas mudanças na produção de imagens e na construção de novos modos de representação. Entre as diversas experiências possibilitadas por meio da fotografia estão a suspensão do tempo e a fixação do instante.

Diante de um acontecimento, no frescor do fluxo da vida, o ato fotográfico reage congelando o momento e “eternizando o instante” como fomos acostumados a pensar. Tais constatações embrionárias foram, em certo sentido, naturalizadas e ainda permanecem vivas em nossa experiência cotidiana. No entanto, o campo da arte contribuiu para que essas primeiras percepções fossem desdobradas em camadas e construídas em procedimentos cada vez mais distintos.

O surgimento do cinema – fotografia fixa em movimento – veio expandir o sentido de tempo já potencializado pela fotografia e instaurou na imagem técnica suas capacidades narrativas. Na medida em que o cinema avança, a fotografia vai buscar no exercício da série um alimento necessário, utilizando-se desse aspecto para narrar acontecimentos e ampliar a noção de realidade.

Atualmente, já no contexto dos processos digitais no qual a mistura entre cinema, vídeo e fotografia trabalha a favor das narrativas pessoais, das pequenas histórias e ainda da reconfiguração descritiva da vivência social, os artistas da imagem utilizam a fotografia como experiência de um tempo que dura. Os fotógrafos trabalham o vídeo como um processo desdobrado da experiência fotográfica cujo tempo não foi cortado somente uma vez; foi fatiado em séries, planos-sequência, polípticos. O movimento não é percebido somente no cinema ou no vídeo; está na aparente fixidez de imagens fotográficas montadas em blocos, conjuntos, sequências ou inseridas em instalações.

A sexta edição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia convoca os artistas a apresentarem trabalhos que estabeleçam essas dinâmicas de mobilidade da imagem, seja ela fixa ou em movimento, seja congelando ou expandindo a ideia de tempo.

*Mariano Klautau Filho*  
Curador do Projeto

Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia

## Sumário

Tempo Movimento	2
Editorial	3
Talento que se repete	4
Artistas Selecionados	7
O olhar do turista	13
Híbrido de linguagens	14
Coleção Prêmio Diário de Fotografia	17
Arte para a compreensão do mundo	18

## Programação

### Exposições

**V Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia -  
Artistas selecionados e premiados e participações  
especiais**

Espaço Cultural Casa das Onze Janelas  
23/04 a 28/06

#### Diante das cidades, sob o signo do tempo

*Jorane Castro* - artista convidada  
Museu da UFPA - 24/04 a 28/06

### Palestras

**Enunciados de um mundo-imagem [ou o que  
poderia ser um selfie de todos nós]**

*Lívia Aquino*  
Centro Cultural Brasil-Estados  
Unidos - CCBEU – 26/02 – 19h

#### En-Deçà et au-delà de laphotographie

*Philippe Dubois*  
Auditório Albano Franco da FIEPA

#### Diante das cidades, sob o signo do tempo

*Jorane Castro*  
Mediação: *Mariano Klautau Filho*  
Museu da UFPA – 10/06 – 19h

#### Exibição de Curtas Metragens de Jorane Castro

Museu da UFPA – 23/04 a 28/06  
de terça a sexta-feira, das 10 às 18h e  
sábados e domingos, das 10 às 14h

### OFICINA

**Escavar, recordar: narrativas fotográficas a partir  
de reapropriações e laboratório de Cianotipia**

*Ionaldo Rodrigues*  
Museu da UFPA  
07 a 09 e 14 a 16/05 – 15 às 17h  
e aos sábados – 10 às 14h

### Serviço

Espaço Cultural Casa das Onze Janelas  
(Praça Frei Caetano Brandão s/n - Cidade  
Velha). Museu da UFPA (Av. Governador  
José Malcher (esquina com Generalíssimo  
Deodoro). Entrada franca.  
Informações: Rua Aristides Lobo, 1055 (en-  
tre Tv. Benjamin Constant e Tv. Rui Barbosa)  
– Reduto.  
www.diariocontemporaneo.com.br.  
Contatos: (91) 3355-0002; 98367-2468;  
premiodiario@gmail.com e  
contato@diariocontemporaneo.com.br

# Editorial

A sexta edição inaugura uma nova fase do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia. Já consolidado entre os editais de grande competição no país, o projeto alcançou reconhecimento como lugar de incentivo a cultura, a arte e a linguagem fotográfica em toda a sua diversidade. E foi justamente nessa diversidade que ele veio buscar inspiração em 2015, ao reforçar o diálogo e interesse da imagem fotográfica com as outras linguagens, abrindo espaço para propostas em vídeo, instalações, projeções e trabalhos que misturavam suportes.

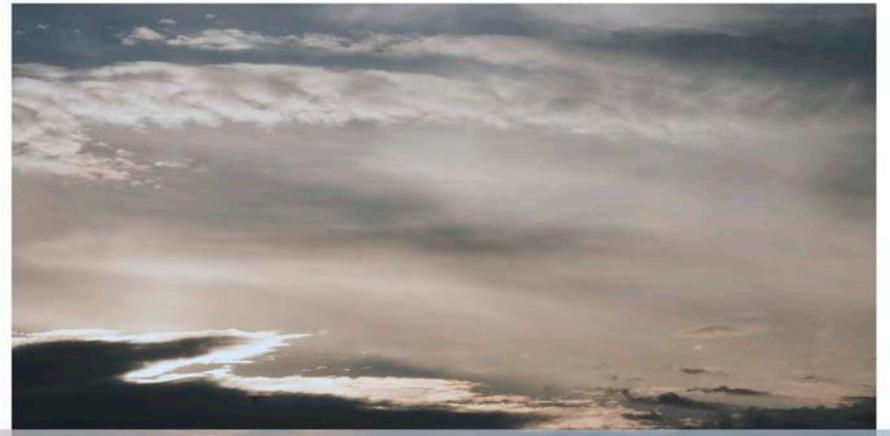
Deu certo. Os três premiados apresentam, cada um, uma linguagem diferente: vídeo, fotografia e instalação. Assim também aconteceu com os projetos selecionados, a fotografia está presente em todos, muitas vezes não na superfície, mas na essência da proposta, como reflexão e referência.

Uma cineasta é a artista convidada. Jorane Castro, que tem longa formação em fotografia, se tornou referência na linguagem audiovisual na Amazônia. “Pra mim, a fotografia é o espaço da minha brincadeira, da minha experimentação”, ela disse, e com a ideia de pensar além dos suportes e mostrar como o alcance dentro da arte é infinito, será apresentado um recorte do seu trabalho que nem mesmo a própria artista pensou em exibir.

Explorar potencialidades. Isso também será visto nas participações especiais desse ano, onde artistas mostrarão recortes de suas mais recentes produções. Focar na formação também é o objetivo do projeto. A ação educativa desse ano trabalhará a arte como ferramenta de compreensão do mundo. Um olhar educado visualmente é mais crítico e entende a arte e seu papel na sociedade. A diversidade é a chave. O Prêmio quer que o público consiga captar o que cada artista quis transmitir através de seu trabalho e possa estabelecer diálogos com ele.

O Diário Contemporâneo dá início a mais essa etapa e convida todos a o acompanharem, a compartilhar uma história que muitos artistas já dividem, e abrir portas para novas possibilidades.

*Debb Cabral*



*Karina Zen · Unidade Composta*



*Gui Mohallem · Espelho Manchado*

# Talento que se repete

## TRAJETÓRIA DOS PREMIADOS ACOMPANHA A HISTÓRIA DO PROJETO

Este ano, o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia mais uma vez consagra talentos e, com muitos deles, até divide uma história, como no caso dos premiados desta edição.

### MARISE MAUÉS

Em 2012, Marise Maués esteve presente entre os selecionados do projeto, como membro do Coletivo CêsBixo, que apresentou a obra “Chippandale”. Em 2014 ela retornou como convidada da Mostra Especial “Pequenas cartografias (e duas performances)”, uma coletiva que trouxe um recorte do que de novo está se produzindo na fotografia paraense. Na ocasião ela apresentou o vídeo “Nóstos”, que teve como local de produção a ilha ribeirinha de Maracapucu Miri, localizada no município de Abaetetuba.

Agora, nessa 6ª edição Marise, faturou o Prêmio Diário Contemporâneo com o vídeo “Loess”, que é um desdobramento da pesquisa que ela vem realizando há algum tempo.

“O processo de criação da obra se deu quando recebi uma reprimenda de um afeto por ter sido ríspida com alguém. Mesmo achando que era merecida minha atitude, senti um desconforto, pois me julgava até então alguém polida. A partir de



Marise Maués · Loess

então me pus a refletir sobre esse corpo que carrego comigo. Relembrei de seus

vários estágios no decorrer desses cinquenta e tantos anos”, explicou.

O corpo, a ação, as marcas. Dentro de uma relação com a geologia, Marise fala



Marise Maués · Loess

de fragmentos e camadas que se depositam com a existência.

### DIRCEU MAUÉS

Também paraense, Dirceu Maués levou com a instalação “Horizonte Reverso”, o Prêmio Diário do Pará. Na obra “a imagem da cadeira, e tudo a sua volta, é projetado sobre o papel vegetal contido no interior das caixas, revelando um mundo de ponta cabeça. Várias caixas: vários mundos em mosaico. Efêmeras imagens em tempo real que nos transportam para um horizonte reverso: o tempo de Niépce e Daguerre, de Hercule Florence, de Fox Talbot, de todos os precursores da fotografia

que juntos ‘ardiam em desejos’, usando uma expressão de Daguerre, pela fixação da mágica imagem que se projetava no interior da câmera escura. Aqui a experiência da imagem perfaz um caminho de volta, em direção à imaterialidade, ao desejo que precedia a imagem fotográfica como a conhecemos – ou a conhecíamos alguns anos atrás”, refletiu.

Desde 2003 o artista desenvolve trabalho autoral nas áreas da fotografia, cinema e vídeo, o qual têm como base pesquisas com a construção de câmeras artesanais e utilização de aparelhos precários. Em 2010, ano de estreia do Prêmio Diário Contemporâneo de

Fotografia ele foi, ao lado de Cláudia Leão, o artista convidado.

### MARCO ANTÔNIO FILHO

Ano passado, o gaúcho Marco Antônio Filho em parceria com Eduardo Veras teve o trabalho “Viagem pela linha invisível” selecionado pelo Diário Contemporâneo. Nesta edição ele ganhou o Prêmio Tempo Movimento, com “That Crazy Feeling In America”, uma instalação composta de doze fotos e um vídeo. Na obra, a aproximação com o cinema é evidente, pois ela propõe uma resignificação das aproximações, ao fazer da produção cinematográfica matéria



Dirceu Maués · *Horizonte reverso*

passível de ser fotografada. Possibilidades reconfiguraram o movimento fílmico

em imagens e textos, que descolados de seus contextos originais, ganham tempo e significados distintos. Segundo ele “a ideia do projeto é ser uma espécie de *roadtrip* imaginária pelos EUA, a partir de filmes hollywoodianos realizados por diretores de outros países. É também uma revisão (e, porque não, homenagem) do livro ‘The Americans’, do fotógrafo suíço Robert Frank. Fotografei as imagens diretamente da tela da televisão, e com elas construí um políptico. São imagens que remetem ao imaginário norte-americano, que é um imaginário muito presente na cultura popular”, concluiu.



Dirceu Maués · *Horizonte reverso*



Marco Antônio Filho · *That Crazy Feeling In America*



Marco Antônio Filho · *That Crazy Feeling In America*

#### PREMIADOS

##### **Prêmio Diário do Pará**

- *Dirceu Maués* (PA)

##### **Prêmio Diário Contemporâneo**

- *Marise Maués* (PA)

##### **Prêmio Tempo Movimento**

- *Marco Antônio Santos da Rocha Filho* (RS)

#### SELECIONADOS

- *Andrea D'Amato* (SP)
- *Carolina Krieger* (SP)
- *Daniela de Moraes* (SP)
- *Edu Monteiro* (RJ)
- *Elaine Pessoa* (SP)
- *Felipe Ferreira* (RJ)
- *Pio Figueiroa* (SP)
- *Gui Mohallem* (SP)
- *Guy Veloso* (PA)
- *Isis Gasparini* (SP)
- *José Diniz* (RJ)
- *Solon Ribeiro* (CE)
- *Júlia Milward* (RJ)
- *Karina Zen* (SC)
- *Lara Ovídio* (RN)
- *Marcelo Costa* (SP)
- *Marcílio Costa* (PA)
- *Pedro Cunha* (PA)
- *Pedro Veneroso* (MG)
- *Sergio Carvalho de Santana* (CE)
- *Tiago Coelho e Régis Duarte* (RS)
- *Tom Lisboa* (PR)
- *Tuca Vieira* (SP)
- *Victor Saverio* (RJ)

# Artistas Selecionados

## **Andrea D'Amato (SP)**

*Coleção de Incertezas* – É formada por uma série de cinco objetos, com dimensões variáveis e técnicas distintas, criados a partir da apropriação de fotografias do acervo familiar da artista. As interferências realizadas em cada uma das peças desejam contaminar as imagens e suscitar a dúvida. O desígnio da coleção é nutrir inquietações e insuflar pensamentos acerca das imprecisões e paradoxos da memória, assim como das ambiguidades próprias da fotografia. As incertezas desta coleção residem nas fotografias com uma temporalidade ampliada na qual pretérito e devir parecem entremeados.

## **Carolina Krieger (SP)**

*O desejo de cair com os olhos abertos* – É um ensaio que trata da percepção de realidades mais sutis. A pesquisa que gerou o ensaio surgiu de uma



Daniela de Moraes · *Arquitetura do Esquecimento*

experiência de inadequação. Quando subitamente se rompe a ordem do mundo, a realidade objetiva, as referências da superfície. E uma sensação de estranheza, de não pertencimento, ocupa todo o campo de visão.

## **Daniela de Moraes (SP)**

*Arquitetura do Esquecimento* – São pequenos fragmentos que nos fazem imaginar a trajetória desse objeto. Trata-se de um velho álbum de fotografias aparentemente vazio, sem fotografias, uma imagem que se faz sem imagens. O trabalho fala da falibilidade humana. É a imagem do obsoleto, da não memória, uma tentativa de detectar como se constrói o esquecimento.

## **Edu Monteiro (RJ)**

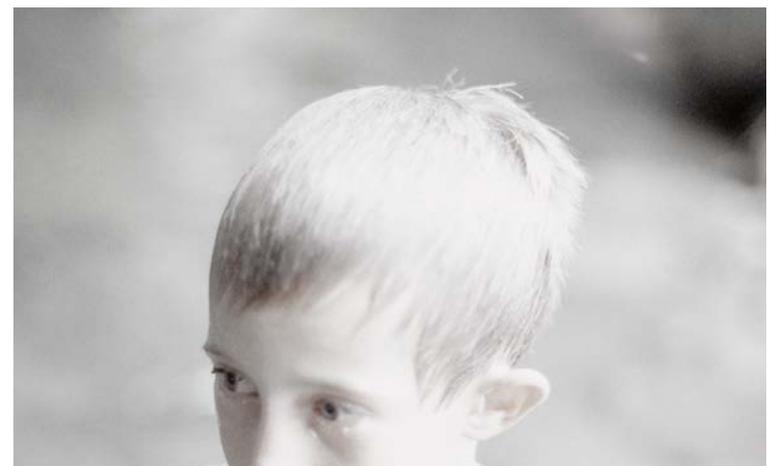
*Saturno* – A associação simbólica entre o planeta Saturno e a melancolia, foi o tornou ponto de partida para uma cartografia de ruínas e solidões que o fotógrafo fez em viagens solitárias. Nessas múltiplas viagens o fotógrafo não confirma seu lugar no mundo, mas afirma-se fora de si: em determinados recortes do mundo. Em algumas fotografias, Edu realiza autorretratos utilizando um complexo dispositivo concebido por ele mesmo. Graças a esse aparato, o artista se duplica e divide entre aquele que vê e aquele que é olhado pela câmera.

## **Elaine Pessoa (SP)**

*Tempo Arenoso* – Retrata a vivência de uma atmosfera e de uma temporalidade que envolve pessoas, um rio, uma cidade e a relação existente



Andrea D'Amato · *Coleção de Incertezas*



Carolina Krieger · *O desejo de cair com os olhos abertos*



Edu Monteiro · *Saturno*

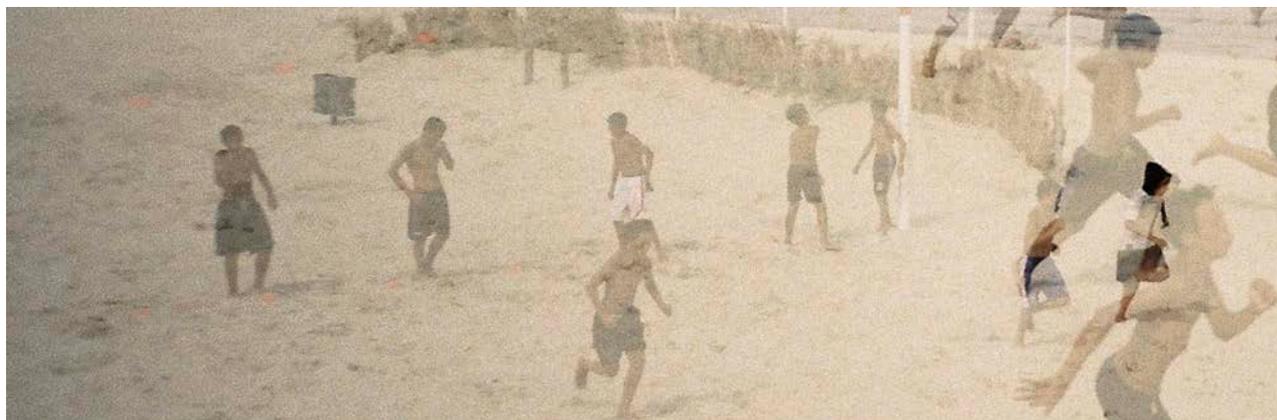
entre elas. Através de uma narrativa fotográfica referenciada em Bergson e Mario Benedetti, "Tempo Arenoso" conta como as pessoas se relacionam com o Rio da Prata. Um rio que quase não corre, que parece mar e que talvez quisesse ser um lago. Um rio que deixa de ser rio pelo sabor e pelo acúmulo de vivências daqueles que nele desaguam.

#### **Felipe Ferreira (RJ)**

"Sem título (flores e borrifador)" e "Sem título (vela e fósforo)" – Nessas obras o artista tenta trabalhar a destruição da imagem como uma ação poética, sugerindo uma fricção entre a representação presente na imagem e a materialidade de sua superfície. Através do tensionamento do código fotográfico os vídeos buscam trazer uma dimensão contemplativa ao que seriam, inicialmente, gestos banais e efêmeros.

#### **Pio Figueiroa (SP)**

*Valparaíso: paisagem histórica viva em fotografias* – Valparaíso, importante porto de circulação mundial de mercadorias até o século XIX, foi desmobilizada de sua importância cultural por fatores e prioridades econômicas estrangeiras. O lugar de Valparaíso, é o lugar de uma imagem histórica. Essa analogia imagética permite falar sobre a fotografia em um viés pelo qual os limites e o uso dessa linguagem serão expostos em sua relação com outra, a do filme, mantendo-se em seu tradicional papel de documento, adornado por uma ficção poética que sugere tal desencontro de tempos na história de um lugar no sul do mundo.



Elaine Pessoa · Tempo Arenoso

#### **Gui Mohallem (SP)**

*Espelho manchado* – O artista visitou Coney Island várias vezes, sempre sozinho, e embora nunca encontrasse as mesmas pessoas, foi encontrando o sentimento que permeia o lugar. Os brinquedos parados no parque parecem esperar que a vida volte a eles no instante seguinte. O vento frio levantando a areia grossa, o pier com seus pescadores em silêncio, as pessoas sozinhas vagando pela praia, tudo constrói um clima de abandono e introspecção. É como se por um momento estivéssemos suspensos fora do mundo.

#### **Guy Veloso (PA)**

*O Teatro do Tempo* – Destino, morte, passagem dos anos, envelhecimento, infância e solidão são ideias evocadas. Um tempo em que intimamente se fantasia dominar – mas é invariavelmente tragado por



Felipe Ferreira · Sem título - Flores e Borrifador



Pio Figueiroa - Valparaíso · Paisagem histórica viva em fotografias



Isis Gasparini · Olhar Outro

ele. Um tempo que ficou (tanto pela dor ou mesmo amorosamente) retido na memória – e lá se vai diluindo as cores, misturando os matizes, desfocando o fio de nylon entre o real e o sonho, rumo ao esquecimento.



Guy Veloso · *O Teatro do Tempo*

### Isis Gasparini (SP)

*Olhar Outro* – O trabalho integra uma pesquisa que a artista desenvolve acerca das possíveis relações entre espectadores e obras de arte. Esta videoinstalação parte de um extenso conjunto de fotografias produzidas em diferentes espaços expositivos para pensar o olhar como algo essencialmente dinâmico. Esse interesse a levou a atravessar os limites tradicionais da fotografia, conduzindo o trabalho a uma linguagem híbrida, na fronteira entre a fotografia, o vídeo e a instalação.



José Diniz · *Movement*

### José Diniz (RJ)

*Movement* – O trabalho é uma instalação apresentando um fotolivro de artista. As imagens são stills de vídeo produzido pelo próprio fotó-

grafo imerso no mar da Praia de Camboinhas, em Niterói, local onde trabalha constantemente suas séries. A ilha é uma referência onde o autor sugere ao espectador uma terra firme, uma terra distante e perto ao mesmo tempo.

### Solon Ribeiro (CE)

*TecnicPopPhotograph* – Atualmente o artista desenvolve projetos de instalações e vídeos a partir de uma coleção de fotogramas de cinema. Nestes projetos os fotogramas sofrem uma espécie de ressignificação, desprovidos dos limites de um quadro narrativo próprio aos filmes de origem. Os fotogramas são novamente ativados para a vida, lançados ao caos cotidiano, são imbricados em outro significado. Neste sentido o artista se apropria do espaço social, do seu corpo, como receptáculo para estas imagens.



Solon Ribeiro · *TecnicPopPhotograph*

### Júlia Milward (RJ)

*Still Life* – A série foi concebida a partir da reflexão associada à relação do instante com o tiro. Considerando que, ambos, ao romperem

o tempo, encerram as atividades de uma forma e a perpetuam em imagem, estabeleceu-se, assim, os pontos de investigação. Das imagens-movimento foram retirados fotogramas, mais precisamente o frame anterior ao encontro do projétil com o alvo. O ponto de não retorno, quando a bala já saiu da arma mas ainda não encontrou o corpo, o instante final preservado em imagem.



Júlia Milward · *Still Life*

### Karina Zen (SC)

*Unidade Composta* – Uma tripla projeção de diferentes imagens de céu, ilha e mar que se sobrepõem parcialmente para formar uma quarta imagem, a de uma paisagem. A ilha tem um tempo de projeção mais longo que as imagens de céu que trocam com maior velocidade e as imagens de água tem um tempo intermediário entre estas duas, fazendo com que as combinações que formam a paisagem se alterem continuamente. Dentro do que seria a representação concreta e estática de uma paisagem, aqui se dinamiza e se alterna enquanto se refaz a partir de imagens separadas.

### Lara Ovídio (RN)

*Territórios Percíveis* – Um registro da busca da artista pelos dias que passam, ora uma coleção de vestígios de um pequeno pedaço de uma vida. Fragmentos de um existir mundano, que mais que a entendimentos, nos convidam

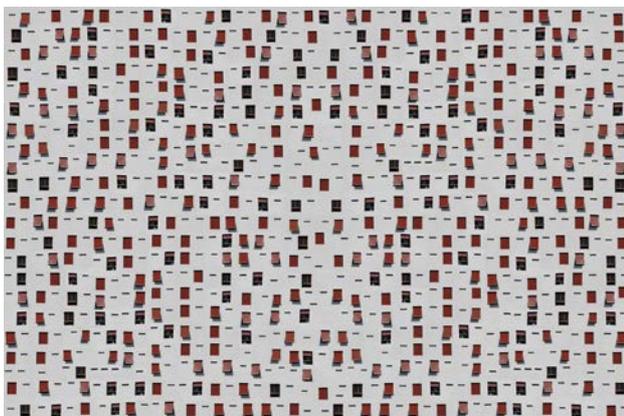
a narrativas. Um trabalho que tenta encontrar no diálogo entre fotografia, poesia, objeto e performance as formas próprias do tempo. Imagens que se recusam a uma disposição linear, que escolhem o movimento e pedem que sejam montadas em constelação, numa parede que se abra a caminhos infinitos, a ficções múltiplas e a sentidos móveis.



Lara Ovidio · Territórios Percíveis

#### Marcelo Costa (SP)

*Janelas* – Imagens dos mesmos lugares, fotografados em tempos distintos, e que quando reunidos e reconstruídos, tornam-se algo diferente do que já foram, e assim, transformam-se também seus significados. Em cada janela um pequeno universo de histórias reais, que ao serem reunidas, tornam-se ficcionais. Lugares que não pertencem a espaço e a tempo algum além da própria imaginação. Lugares sem lugar. Espaços outros inventados.

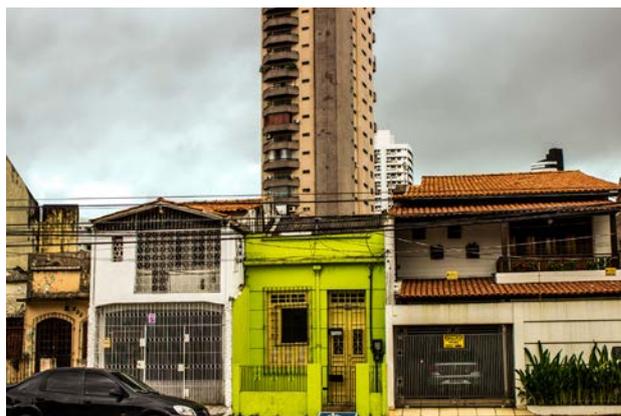


Marcelo Costa · Janelas

#### Marcílio Costa (PA)

*Empalamento* – um registro daquilo que, muitas vezes, passa despercebido no cotidiano de uma cidade em vias de transformações como Belém: sua verticalização. Uma transformação no decorrer do tempo que violenta a cidade,

a empala. Como referência à brutal tortura do empalamento (ou empalação) que atravessa o corpo da cidade e sua memória. Uma cidade que são duas em conflito. Uma, outrora, ainda horizontal e com sua carga de memória e identidade; outra que atravessa e ascende para o "futuro", mas que parece não saber conviver e/ou respeitar seu passado, sua memória.



Marcílio Costa · Empalamento

#### Pedro Cunha (PA)

*...continua na minha memória* – Anônimos fotografados, observados e analisados por um curto período de tempo. Tempo este suficiente para invadi-los e imaginá-los protagonistas de uma história somente do artista, à revelia deles. Trata-se de um exercício de observação no universo humano e solitário em grandes centros urbanos.

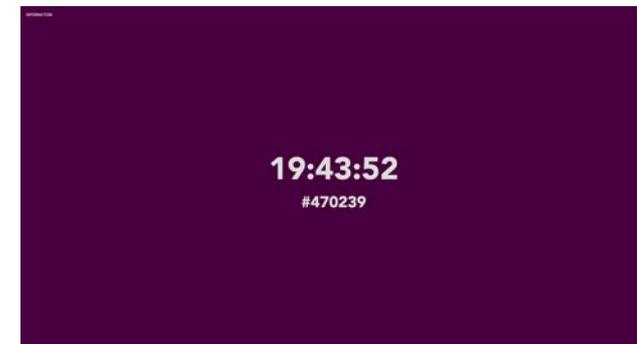


Pedro Cunha · ...continua na minha memória

#### Pedro Veneroso (MG)

*Que cor é agora?* – É um relógio cromático que traduz a hora atual em uma cor RGB utilizando um conjunto de funções seno. Um computador roda o software responsável por traduzir as horas em cores e por projetar a imagem resul-

tante do processamento. Desta forma, durante a exposição serão exibidas as cores, em tempo real, que representam as horas no fuso horário da cidade de Belém.



Pedro Veneroso · Que cor é agora?

#### Sergio Carvalho de Santana (CE)

*O tempo amarrado no poste* – O fotógrafo tem retornado a sua cidade no sertão do Piauí, onde viveu até os 12 anos de idade, em busca de imagens do presente, parte do tempo passado que permanece em sua memória visual. Nesse exercício do olhar tem revisitado espaços e personagens, na tentativa de (re) construção e re(significação) do passado e do presente. Velhas camionetas de cores fortes que ainda circulam pelas ruas e becos dessa cidade fazem parte desse ensaio em construção sobre o real e o imaginário que se misturam na memória do fotógrafo e no dia-a-dia da cidade atual.



Sergio Carvalho de Santana · O tempo amarrado no poste

**Tiago Coelho e Régis Duarte (RS)**

*Parcialmente Nublado* – O Brasil vem passando por transformações importantes nos últimos 10 anos, quando uma grande parcela da população emerge de classes alcançando um novo patamar. As praias, antes com arquitetura mais horizontal, devido a suas largas extensões, começam a verticalizar suas edificações, sem qualquer planejamento arquitetônico prévio. A série reflete sobre a “Copacabanização” do litoral sul do Brasil, que não está somente na similaridade vertical da arquitetura, mas na pluralidade de classes, na mescla de estilos e no caos urbano, pretensamente organizado do famoso bairro carioca.

Tiago Coelho & Régis Duarte · *Parcialmente Nublado***Tom Lisboa (PR)**

*Palimpsestos - protestos em série* – O trabalho traz à tona uma relação tão conflituosa quanto inevitável no fotojornalismo: é a imagem que recria o texto ou é o texto que redefine a imagem? Cada obra de Palimpsestos é composta por uma sobreposição de textos verbais

Tom Lisboa · *Palimpsestos - protestos em série*

e não-verbais: o vídeo, a fotografia do fundo, o texto que é apagado, a ação do pincel. Nestes vídeos, as ações de ler e ver sobre determinado acontecimento encontram-se sobrepostas.

**Tuca Vieira (SP)**

*Estrada de Ferro Carajás* – A Estrada de Ferro Carajás leva o minério de ferro da mina de Carajás, em Parauapebas (PA) para o terminal Ponta da Madeira no Maranhão. Após 892 km, ele é carregado nos maiores navios do mundo com destino à China e outros países. Os trens utilizados estão entre as maiores composições do mundo, chegando a 330 vagões, puxados por até quatro locomotivas. Este é o primeiro e único trabalho do artista em vídeo. Foi a pri-

meira vez em que ele viu esgotadas as possibilidades da fotografia tradicional diante do que ele queria mostrar.

Tuca Vieira · *Estrada de Ferro Carajás*



Victor Saverio · Projeto Particularidades

### Victor Saverio (RJ)

*Projeto Particularidades* – Construídas a partir de uma estrutura única, as casas geminadas são compostas por uma fachada dupla e idêntica; cada domicílio é dividido por uma parede e abriga diferentes famílias em cada uma de suas composições. Apesar de Niterói, cidade natal do artista, ter passado pela verticalização da paisagem urbana, algumas casas geminadas resistem as negociações e ao tempo, e ainda

permanecem em pé. Entretanto, a grande maioria passou por alterações muito curiosas. Ao longo do tempo, essas casas receberam modificações de acordo com as necessidades de cada proprietário, sem que houvesse qualquer preocupação com o projeto original. Tais necessidades extrapolam os usos do espaço e alcançam o ideal estético, cultural e socioeconômico dessas famílias.

## PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

### Ramon Reis

*Cosmografias* – Um trabalho ainda em processo, nesse sentido é um esboço de atravessamentos e vínculos das relações do artista com a Natureza. Em um arranjo de fotografias sobre vivências, viagens, pessoas, paisagens, breves acontecimentos e fenômenos naturais que tem perseguido, que o atormentam pelos seus sons, imagens, mitos...Desenhado em noções cosmográficas, de interfaces entre fenômenos terrestres, celestes e nós.

### Véronique Isabelle

*JEGUATA MBYA YVYJU'PE / A caminhada do povo Guarani Mbya* – É um livro de artista, realizado por Para'i Lopes Guarani e Véronique Isabelle, em colaboração com Almiros Machado Martins, e conta a história do povo Guarani Mbya de Nova Jacundá na sua longa caminhada em busca da “Terra sem Males”, um lugar sagrado aonde se vive em paz e harmonia. Há mais de um século, o Nheranderu desse grupo recebeu num sonho as orientações para alcançar a “Terra sem Males”. O grupo atravessou o país desde a Argentina, passando pelo Paraguai e pelo Mato Grosso até o Pará, na sua busca do lugar sonhado.

### Rafael Bandeira

*Alice* – Uma menina inquieta, que cai em um abismo e se vê em um universo do avesso. Questiona-se ao observar o pavor de um coelho que corre sem parar e observa atentamente as horas (É tempo de perder a cabeça?). Ela pa-

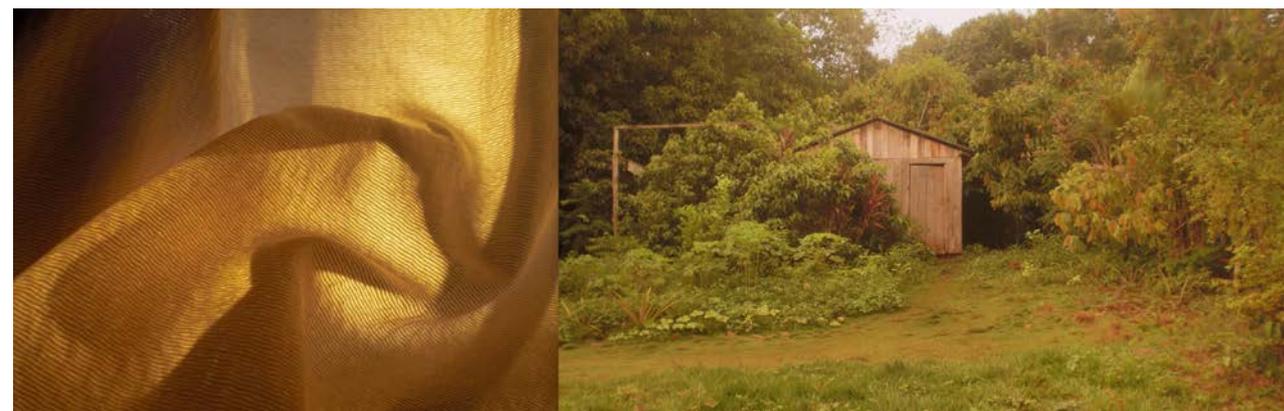
rece buscar o caminho de volta para casa, mas na realidade, tenta encontrar-se no universo confuso em que está inserida. Características suficientes para tecer de forma crítica um paralelo com a realidade brasileira. Reflexos de nossos tempos atuais, de nossas memórias conflituosas de terceiro mundo pós colonizado.



Rafael Bandeira (Participação especial) · Alice



Véronique Isabelle (Participação especial) · JEGUATA MBYA YVYJU'PE / A caminhada do povo Guarani Mbya



Ramon Reis (Participação especial) · Cosmografias

# O olhar do turista

LÍVIA AQUINO INAUGURA PROGRAMAÇÃO DE PALESTRAS



Livia Aquino · *Recontro* 2014

A fotografia nos dá a ideia de que o mundo todo é acessível e está ao alcance dos nossos olhos. E se algo merece a atenção, merece uma fotografia? Aparentemente para o turista que registra obsessivamente, sim. O turismo conferiu caráter de “acontecimento” ao mundo e o viajante, fotografo incansável, é o colecionador de fragmentos desse mundo. Para ele sua experiência só será confirmada através das fotos. Essas e outras observações foram debatidas em “Enunciados de um mundo-imagem [ou o que poderia ser um selfie de todos nós]”, primeira palestra da programação da 6ª edição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, que ficou por conta da fotógrafa e pesquisadora no campo da imagem, Livia Aquino. No evento o público lotou no auditório do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos (CCBEU), para ouvir as palavras de Livia

sobre sua pesquisa e experiência pessoal enquanto fotógrafa-turista.

Na palestra, ela resumiu os principais aspectos da sua tese de doutorado, apresentada em março de 2014, na Unicamp. Na pesquisa, ela se apoiou em trabalhos como o da suíça Corinne Vionnet, que para a série “Photo Opportunities”, recolhe na internet centenas de fotografias produzidas por turistas e reúne tudo em uma única imagem; e da americana Penelope Umbrico que em 2006 apresentou o mural *Suns From Flickr*, com quase seiscentas mil imagens do pôr do sol feitas por fotógrafos amadores e coletadas de um site de compartilhamento.

Segundo ela, “a partir dos anos 1980, alguns artistas começam a problematizar o turismo nessa relação com a fotografia, apontando

questões sobre o conteúdo e as formas de ver, a serialização, o esgotamento, a posse e a pose. Nota-se nessa perspectiva um processo de reconhecimento e registro de tensões entre os dois campos, bem como um exercício crítico acerca das imagens ao deslocá-las no tempo e no espaço de seus usos, restituindo enunciados dos modos de operação da fotografia, principalmente aquela feita por amadores, e produzindo nova percepção e subjetivação da experiência da viagem”.

Mas o que chamou mesmo a atenção do público foi o trabalho da própria Livia. Ela contou que logo após a defesa da tese viajou para a China e se viu na posição dos seus objetos de estudo, os turistas. “Estar em um lugar tão distinto foi para mim uma espécie de embate interno, já que eu estava saindo de uma imersão nesse universo da fotografia e do turismo. Tudo o que eu via aparentava ser uma enorme construção, algo feito para fotografar”, disse.

Como que o deslumbramento com o novo não poderia afetar o trabalho pessoal da artista? “Eu ali, naquela viagem, também me via numa situação de turista-fotógrafa. Num dado momento parece que todos nós vivemos essa busca pela imagem”, lembrou.

Dessa reflexão interna surgiu a série “Recontro”. “Muitos dos lugares que passei, muitas vezes estavam tão poluídos, literalmente, que formava uma névoa nas cidades e nos templos. Essa carga de opacidade passou a ser matéria para constituir esse ensaio”, finalizou.

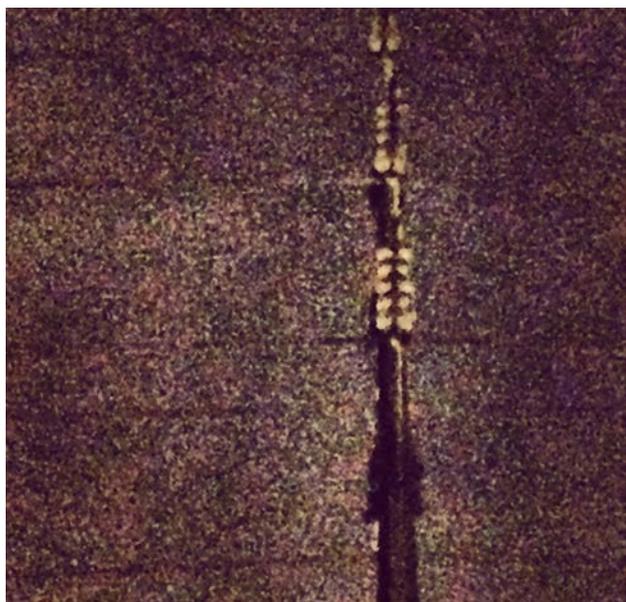
A experiência resultou em imagens delicadas e que guardam camadas de histórias.



Penelope Umbrico · *Suns from Flickr*

# Híbrido de linguagens

CINEASTA JORANE CASTRO É A ARTISTA CONVIDADA DESTA EDIÇÃO



Jorane Castro · Artista convidada



Jorane Castro · Artista convidada



Jorane Castro · Artista convidada

Nessa sexta edição, com o tema **Tempo Movimento**, o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia teve como objetivo abrir espaço para propostas em fotografia, vídeo, instalações, projeções e trabalhos que misturavam suportes, pois na contemporaneidade as fronteiras entre as linguagens se tornam mais finas e o resultado é uma produção híbrida. Pensando nisso, o projeto tem como artista convidada desse ano a diretora, roteirista, produtora e professora do Curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual da UFPA, Jorane Castro.

Mestre em Ethnometodologia pela Université de Paris VII – Université Denis Diderot, U.P. VII, França, com ênfase em Sociologia aplicada ao Cinema, Jorane coordena a Cabocla Produções, produziu e dirigiu o premiado “Ribeirinhos do Asfalto” e desenvolve pesquisas na área da linguagem audiovisual, privilegiando a Amazônia. Desde muito nova ela está envolvida com a fotografia, participou de ações da Associação Fotoativa e reconhece que sua referência estética passa muito pela conexão com a fotografia de Belém.

## Como se deu a sua relação com a fotografia?

A fotografia foi o meu primeiro trabalho. Pra mim ela é muito importante, foi nela que eu me baseei para fazer o trabalho que eu faço hoje em cinema. Então, quando eu deixei de ser fotografa, para fazer cinema, a fotografia tem pra mim outra função, ela passa a ter uma função mais de pesquisa para o trabalho no cinema. Eu continuo fotografando, e continuo olhando de uma maneira específica porque eu tenho uma educação estética e visual que vem da fotografia, dessa formação que eu tive e que foi muito sólida.

## E como essa relação se dá hoje?

Eu ainda tenho uma relação muito forte com a fotografia, mas a minha relação não é mais com o espaço expositivo. Eu não faço um trabalho para colocar na exposição, eu não inscrevo um trabalho de fotografia. Hoje eu penso em filme, em cinema, roteiro, filmagem, imagem em movimento. Esse é o meu foco hoje, mas a fotografia me serve para experimentar uma série de coisas. Então, pra mim, a fotografia é o espaço da minha brincadeira, da minha experimentação.

## Como se deu o diálogo entre a fotografia e o cinema?

Quando eu fazia as fotografias, eu já tinha uma linguagem fotografia, eu construía sequências, e já tinha essa influência porque eu sempre quis fazer cinema. Eu vim da fotografia, estou no cinema e continuo flertando com os dois.

## Você não usa a fotografia só como um recurso estético, como uma imagem bem elaborada. Ela é acrescida de significado para você, não é?

Pra mim é muito difícil fazer um filme sem pensar no filme visualmente. Tem aquela questão de que as pessoas dividem e dizem que forma é uma coisa e conteúdo é outra, eu não acredito nisso, eu acredito que os dois tem que estar entrelaçados. Como realizadora, como diretora, eu penso tudo junto. É um processo longo, mas muito instigante também.

## Há muitos registros da Amazônia em documentários, mas o teu trabalho se diferencia muito por usar a ficção e trabalhar de uma maneira mais poética. Como se dá isso?

Eu faço filme na Amazônia porque eu moro na Amazônia, é o lugar que eu gosto, é o lugar que é a minha referência cultural e meu universo visual também. Na Amazônia, a gente convive com grandes disparates, no meio do rio não é estranho para você ver um cara segurando no motor de rabeta com uma mão e na outra o celular, consultando o Whatsapp. E isso tudo pra gente é muito normal. Nós somos assim, o caboclo da Amazônia é super pop e tecnológico, então quando eu faço um filme eu não posso fugir disso. O filme “Invisíveis Prazeres Cotidianos” no qual eu falo sobre blogs mostra isso, como que a gente interage com a tecnologia.

**Como que é essa relação com as outras linguagens?**

Eu não discrimino nenhuma linguagem, até porque tem elementos de cada uma que me serve. É difícil até delimitar um trabalho porque ele se torna um híbrido. A questão é que eu sempre procuro o que eu preciso na essência do tema que eu estou trabalhando e é dali que vai surgir a forma.

**O que será visto na exposição desse ano?**

São grandes “situações”, são trabalhos que eu fiz e que o Mariano (Mariano Klautau Filho, curador do projeto) resgatou, pois ele se debruçou sobre todo o meu trabalho, desde fotografias em preto

e branco até fotos do Instagram. Tem imagens que eu nunca pensei em exibir e que ficou numa montagem diferente.

**Como foi para você incorporar essa fotografia rápida como a do Instagram?**

Eu acho incrível. Eu trabalhei com laboratório fotográfico, eu revelava negativo, uma prática que pra mim foi muito didática e ajudou na minha concepção de imagem e de construção da imagem. Eu nunca me preendi muito na questão do equipamento, então quando chegou o digital e a possibilidade de postar na hora e ter uma galeria visual na sua mão foi ótimo. Pra mim é



Cena do premiado Ribeirinhos do Asfalto, de Jorane Castro · Foto Marcelo Lelis



Jorane Castro · Artista convidada

pesquisa, eu estou fotografando coisas que eu estou olhando, coisas do meu universo. O meu Instagram é o meu bloco de notas, é a minha coleção de referências visuais e tem coisa que eu nem posto, mas que eu guardo para usar, para mostrar para a minha equipe no filme como anotações visuais.

### Como um trabalho relacionado à Amazônia é recebido lá fora?

Geralmente as pessoas conhecem muito pouco da Amazônia, é a região mais secreta. Muitos filmes já foram feitos sobre o sertão, nós sentimos como se já conhecêssemos ele, sem nunca ter estado lá, o mesmo acontece com as outras regiões, mas as

pessoas não veem muito a Amazônia. Quando a gente chega com um filme as pessoas ficam surpresas diante do objeto cinematográfico e da geografia. É uma cultura que é tão rica que a gente ainda não consegue desvendá-la. Quando chegamos em um festival a gente tem uma função meio que de desbravador, pois mostramos imagens que ainda não foram vistas. Mas eu não quero que seja só isso, um filme filmado na Amazônia, que se sustente só pela sua paisagem, tem que ser um bom filme. A Amazônia é mais outra camada de informação que tem estar dentro de uma história bem contada. A gente já tem uma qualidade artística na Amazônia que tem capacidade de se sustentar. Temos uma consistência cultural que faz com que as produções se realizem mesmo com todas as situações e adversidades.

### Como professora da universidade, como é a tua relação com muitos jovens que estão se interessando em produzir e pensar com a linguagem audiovisual?

Eu queria mais diálogo de troca. Eu tenho uma trajetória, já tenho um tempo de trabalho e quero dividir esse conhecimento, mas eu acho que a gente ainda está produzindo pouco, e que não temos onde exibir nossos filmes. Ainda falta ousadia e a gente tem que ter um festival consistente, porque sem um festival não se tem os eixos de formação, produção e difusão funcionado corretamente. Porque quando você tem um festival você tem um incentivo e pra essa galera nova vai ser a primeira confrontação deles com o grande público, não pra ser aclamado, mas para ter o retorno do que se fez. É muito importante isso, faz os cineastas e os realizadores crescerem.



Jorane Castro · Artista convidada

# Coleção Prêmio Diário de Fotografia



Público vendo os trabalhos de Janduari Simões, artista convidado em 2014 - Foto - Irene Almeida

A fotografia possui grande importância no cenário cultural brasileiro, desde os meios de comunicação até as exposições de arte ela está presente. Diante disso, os museus que desempenham papel fundamental com a preservação e a difusão da arte, tem incorporado cada vez mais as imagens fotográficas aos seus acervos. Isso contribui para os debates sobre o campo sociocultural da arte e a constituição de uma memória visual no país.

Os anos de parceria entre o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia e o Museu da Universidade Federal do Pará resultaram em uma

coleção de fotografias que foi incorporada ao acervo da instituição.

A “Coleção Prêmio Diário de Fotografia” é uma maneira das obras permanecerem mais significativamente. Todo ano, um trabalho do artista convidado é integrado ao acervo do MUFPA e a força da ação foi tanta que outros artistas contemplados pelo projeto passaram a oferecer obras também, favorecendo muito mais o intercâmbio das artes.

No lançamento da sexta edição, Jussara Derenji, diretora do Museu da UFPA, ressaltou que em 2015 o espaço completará 30 anos de ati-

vidades. Segundo ela, “os registros que estão sendo feitos pelo Prêmio, são muito importantes pra nós, porque tem uma continuidade dentro da nossa história”.

O MUFPA, não tinha uma vocação para fotografia e a parceria com o Diário Contemporâneo contribuiu para a mudança necessária. “Nós recebemos a memória fotográfica da universidade, mas ainda era um registro institucional. Quando começamos a trabalhar com o Prêmio, aí sim, nós começamos a formar uma tradição na fotografia, e agora nós temos a formação específica da Coleção Prêmio Diário de Fotografia”, finalizou.

# ARTE PARA A COMPREENSÃO DO MUNDO

Por Luana Machado

Coordenadora da Ação Educativa

Prezado (a) Educador (a),

O objetivo desse material é oferecer apoio ao desenvolvimento em sala de aula, através de exercícios que promovam a aprendizagem de conteúdos sobre arte com recorte em fotografia contemporânea, tendo como ponto de partida as obras selecionadas da mostra do IV Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia.

## O contato direto com obras artísticas originais

Não resta dúvida que a experiência com a obra original é importante na formação do professor e do estudante, pois estimula a vontade de frequentar espaços expositivos além de permitir uma experiência sensorial, como o

contato com o artista, sua obra e outras situações que a reprodução não alcança. Dessa forma, as imagens utilizadas como mídia pedagógica em sala de aula são indicadas, porém, recomenda-se que os educadores também visitem exposições com seus alunos, pois isso favorece o ensino de Artes e possibilita o contato com artistas, críticos, curadores e educadores das instituições culturais. Essa experiência torna possível o desenvolvimento do gosto pela arte e do discernimento sobre a qualidade da obra. Os exercícios propostos são referências para que você, professor (a), faça as transposições didáticas conforme a realidade do seu grupo e de sua escola. Neste sentido, a curadoria educacional traçou dois eixos para elaborar as propostas educativas:

- Paisagem intimamente ligada à fotografia
- Memória

Então, mãos à obra!!!!

## PROPOSTA 1 - A representação da paisagem na arte: reflexões a partir das obras dos artistas

O que é Paisagem?

A esfera de paisagem, a mescla dos territórios e a ausência de fronteiras entre os domínios no contemporâneo oferecem um panorama vasto. As novas tecnologias audiovisuais propõem versões ligadas à percepção, especialmente a que está relacionada com a experiência sensorial imediata de paisagens “outras”.

A paisagem é fruto de um longo e paciente aprendizado.

### MEIO AMBIENTE

#### ECOLOGIA

#### PAISAGEM

- **Meio ambiente físico:** Desolado, degradado, poluído. Essas características se apresentam sob a forma de paisagens igualmente desoladas.

- **Ecologia:** Organismos da Terra não vivem isolados, interagem uns com os outros e com o meio ambiente. Todas as inquietudes face às poluições transformaram a harmonia natural, a qual antigamente se definia como “bela paisagem”.

Ecologia, ar puro e saúde se entrelaçam com a natureza salvaguardada e animais protegidos. Por outro lado, as práticas urbanas com o lixo avançam e deixam marcas.

O artista articula os setores da paisagem: ecologia, economia, degradação e política com as decisões da vida, por meio das pesquisas.

O *land art* é um tipo de arte que se compõe a partir do próprio ambiente, utilizando recursos da arte na paisagem.

Nesse sentido, a obra é um conjunto de espaço e tempo, nela os artistas adentram na ética de devolver à terra ao seu estado primeiro, na tentativa de diminuir as devastações.

### VEJA A DIVERSIFICADA PAISAGEM DOS ARTISTAS

Edu Monteiro (Página 07)

Elaine Pessoa (Página 07)

Gui Mohallem (Página 08)

José Diniz (Página 09)

Karina Zen (Página 09)

Marcílio Costa (Página 10)

Marcelo Costa (Página 10)

Pedro Cunha (Página 10)

Thiago Pereira Coelho (Página 11)

A poética dos artistas acima dialoga com a paisagem na Proposta 1, na qual argumentam: o espaço, o tempo, o crescimento das cidades, a mudança de uma mesma paisagem que se altera conforme o horário, o abandono dos lugares, a deterioração do ambiente, o transeunte anônimo na grande cidade e paisagens imaginárias.

### Percurso didático na exposição

- 1 Antes de fazer o percurso na exposição do IV Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, explique o roteiro didático com o recorte das obras dos artistas que trazem os questionamentos acerca da paisagem;
- 2 No decorrer da aventura no espaço expositivo e das paisagens dos artistas, provoque e discuta a experiência de interação de seus alunos com a arte e as diferentes maneiras de produzir fotografia contemporânea;
- 3 Provoque relações entre cotidiano e a paisagem no sentido de estimular um engajamento criativo do estudante com o seu próprio ambiente, cidade e cultura, inspirados nas proposições dos artistas em questão.

### Percurso didático em sala de aula

**Oficina:** *Exercício de imaginação produtiva para desenhar paisagens com tesouras*

**Faixa etária:** a partir de 12 anos

**Materiais de campo:** bloco de anotação, celular, lápis de desenho, papel A4 branco (bloquinho)

**Materiais de sala de aula:** Lápis, cola, tesoura, pedaço menor de papel colorido carmim (cortado em quadrado) e uma folha de papel em branco.

Você deve solicitar aos alunos envolvidos que registrem imagens com o celular de situações identificadas com o tema da paisagem no bairro



onde eles vivem. Cada registro poderá ser transformado em objeto de investigação sobre arte.

Perguntas poderão ser dirigidas, como:

- Qual o tema dos registros?
- Qual a relação entre cada registro realizado e a área à sua volta?
- Como os seus registros podem ser relacionados com os trabalhos dos artistas envolvidos?

Na aula seguinte, solicite que os alunos apresentem suas pesquisas de campo realizadas no entorno de onde vivem. Cada aluno deverá escolher uma imagem de seus registros e desenhá-la com o lápis no papel carmim colorido no formato quadrado.

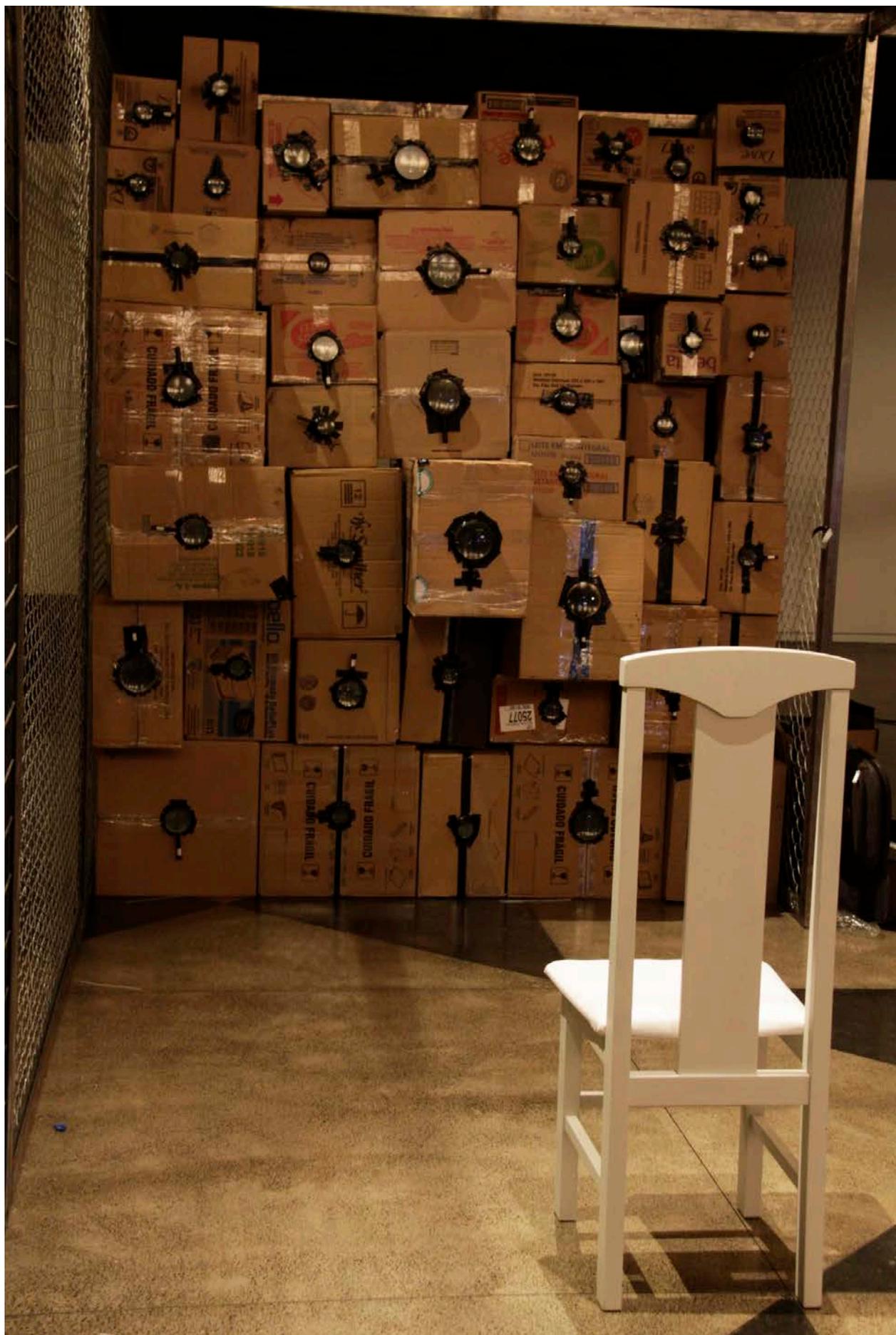
A imagem desenhada deverá ser recortada do papel e o aluno deverá colar o restante do papel quadrado em cima do papel branco. Posteriormente deverá virar a forma cortada e colar perto dos espaços vazios para criar o efeito negativo/positivo com a forma cortada.

#### Veja o exemplo!

É importante que os alunos percebam como o negativo (papel em branco) é tão importante quanto as formas coloridas (positivo).

Ao final, você deverá reunir todos os recortes das paisagens desenhadas e recortadas pelos alunos e propor que o grupo faça uma grande colagem reunindo todos os trabalhos num papel maior.

Discuta com seus alunos como as diversas paisagens estão juntas e relacione com os trabalhos dos artistas da exposição visitada.



Dirceu Maués · *Horizonte reverso*

## PROPOSTA 2 - Construção da câmara escura de orifício: reflexões a partir da série do artista Dirceu Maués

Essa atividade é muito rica em conteúdo e muito simples de realizar em sala de aula. Ela desperta o interesse em ver o que tem dentro da caixa e motiva o aluno a entender como acontece a formação da imagem invertida. Você deve estimular cada aluno a explicar porque viu a imagem na forma invertida.

**Faixa etária:** a partir dos 11 anos

### Materiais necessários:

- 1 Caixa de papelão grande que você pode encontrar em supermercados. Na escolha quanto ao tamanho, considere que será preciso colocar a cabeça toda dentro da caixa e que ela tenha uma certa distância dos olhos até o orifício que será feito na outra extremidade.
- 2 Papel sulfite
- 3 Cola
- 4 Fita crepe



- 5 Papel camurça preto para cobrir a caixa
- 6 Pano preto (para envolver o pescoço para evitar a entrada de luz)
- 7 Vela
- 8 Fósforo
- 9 Material pontiagudo (para fazer um pequeno orifício na caixa)

### Construção:

Depois de todos os cuidados para encontrar o tamanho adequado da caixa, você deve colar papel sulfite em uma das faces menores da caixa do lado de dentro (veja a Imagem 1.).

Faça um orifício na face oposta, numa posição que fique acima da cabeça (veja a Imagem 2).

Meça o diâmetro do pescoço e faça um buraco com essa medida que vai servir para encaixar impedir a passagem de luz (veja a Imagem 3).

É interessante realizar essa atividade onde tenha muita luz. Num dia de sol o resultado do experimento é muito mais satisfatório.



Image 1



Imagem 3

### Experimentação da caixa

Para fazer uma discussão sobre o trabalho do artista Dirceu Maués comece com as seguintes perguntas aos alunos:

- As fotos da série Horizonte Reverso, de Dirceu Maués, perfazem um caminho de volta, em direção à imaterialidade, ao desejo que precedia a imagem fotográfica como a conhecemos – ou a conhecíamos alguns anos atrás. Uma invertida paisagem, um mundo dentro de uma caixa: o mundo de ponta cabeça. O artista, constantemente faz fotografia com câmara pinhole ou buraco de agulha, uma tecnologia simples e barata. Como você imagina que este procedimento influencia nas imagens que foram escolhidas para serem fotografadas?
- O lugar onde estes personagens estão modifica suas impressões sobre a imagem?
- Para você, o título compõe ou a até nega a imagem? Por quê? E como isso acontece na fotografia da série Horizonte Reverso do artista?

**A partir dessas questões norteadoras, você pode desenvolver a seguinte oficina:**

- Deixe os alunos olharem a caixa com cuidado e convide um aluno para participar da atividade
- Coloque o aluno sentado numa cadeira de costas para a janela. Coloque a cabeça do aluno dentro da caixa com cuidado, feche as abas com o recorte do pescoço (veja a Imagem 4)



Imagem 2



Imagem 4

- O orifício deve ficar do lado de trás e acima da cabeça
- Faça uso do pano preto para impedir a passagem de luz pelo pescoço
- Coloque os dedos ou algum objeto bem iluminado próximo do orifício para o aluno enxergar a imagem formada dentro da caixa
- É interessante que você utilize também uma vela acesa no experimento. Esta deverá ser posicionada atrás da cabeça do aluno (veja a Imagem 4)
- Solicite que os alunos observem atentamente o espaço a sua volta de uma maneira diferente como propõe Dirceu Maués: “o mundo de ponta cabeça”.

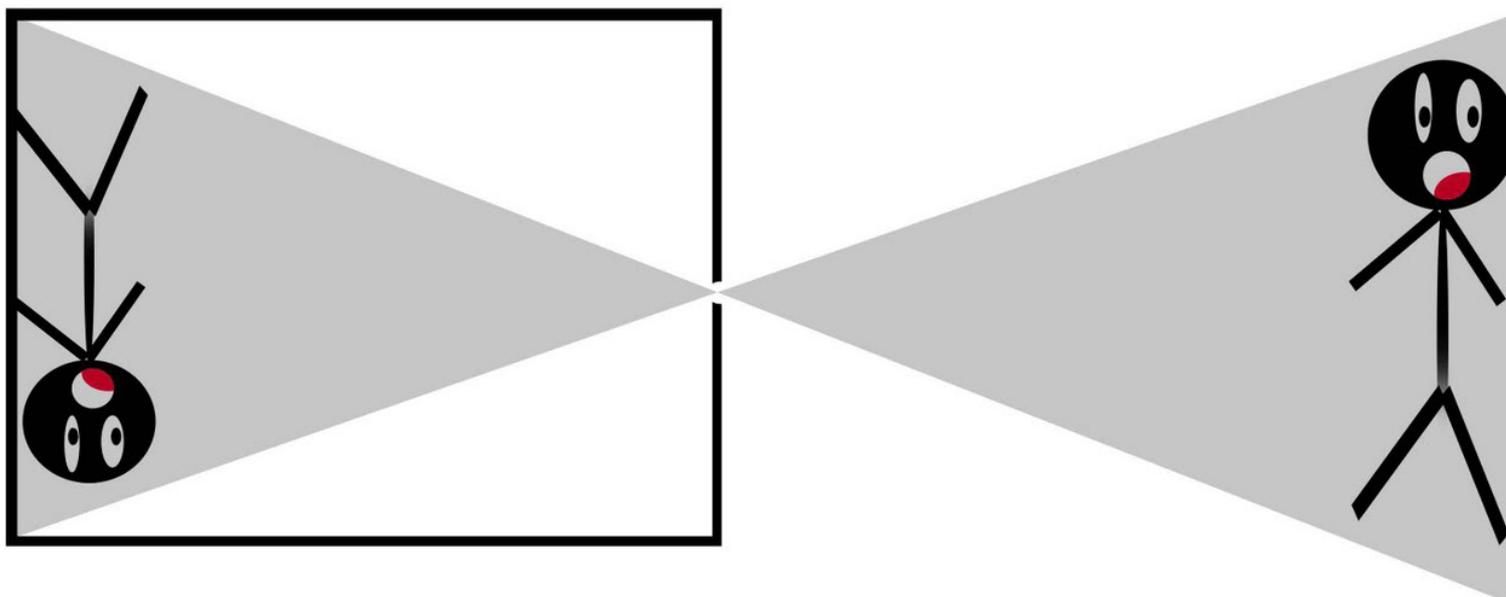
**Faça as seguintes perguntas:**

- O que você está enxergando?
- Pode descrever para nós o que está enxergando?
- Porque você acha que conseguiu enxergar dentro dessa caixa fechada?
- Porque você enxergou a figura invertida dentro da caixa?

**Assista ao filme “Moça com brinco de pérolas”, de Peter We-ber, com Scarlett Johansson e Colin Firth.**

Ao terminar a sessão do filme, reúna o grupo, retome os conteúdos sugeridos e desdobre a ação, fazendo análise comparativa com a série “Horizonte Reverso”, de Dirceu Maués e o filme, em relação a técnica que foi utilizada para sua construção.

É interessante solicitar um relatório experimental da câmara escura.



VI Prêmio  
**Diário**  
contem  
de Fotografia  
porâneo

REALIZAÇÃO



COLABORAÇÃO



PATROCÍNIO

